



DIÁLOGOS COM A LITERATURA EM *TRISTES*
TRÓPICOS, DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS

DIANA ALMEIDA LOURENÇO

Mestranda em Estudos Literários pela
Universidade Federal do Paraná. Graduada em
Letras pela Universidade Federal do Paraná.

Contato: diana_ki@hotmail.com

DIÁLOGOS COM A LITERATURA EM *TRISTES TRÓPICOS*, DE CLAUDE LÉVI-STRAUSS

Diana Almeida Lourenço

RESUMO: As contribuições de Claude Lévi-Strauss para as ciências humanas ultrapassam a área de etnografia e da antropologia estrutural, ciência que o próprio pesquisador ajudou a fundar e estabelecer. Uma de suas obras mais significativas, *Tristes trópicos* (1996), reporta-se às experiências do jovem etnólogo, na década de 30, quando junta-se ao grupo de professores franceses que vêm a São Paulo trabalhar na implantação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da recém-nascida USP. A obra, que está longe de ser um modelo estático de ciência destaca-se pelo seu caráter multidisciplinar que leva o leitor a refletir e “viajar”, para além de questões meramente descritivas. Vislumbra-se na obra, uma linguagem provida de vários níveis de significação, polissêmica, distante, dessa forma das obras de caráter predominantemente informativo. Possuindo trechos que beiram o lirismo, outros que se assemelham a ensaios, *Tristes trópicos* parece dialogar de perto com os gêneros literários. O objetivo desse trabalho é recuperar alguns trechos e fazer uma análise à luz da literatura. Não pretendemos classificar a obra dentro dos limites de um gênero, mas sim explorar seu caráter multidisciplinar, pois se trata de um enunciado que configura em um movimento de aproximação e confronto com seu próprio gênero relato de viagem, criando novas possibilidades de leitura, passível de análise por meio dos estudos da linguagem, especialmente pelos estudos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Tristes Trópicos, Lévi-Strauss, Literatura.

DIALOGUE WITH THE LITERATURE IN *TRISTES TROPIQUES* OF CLAUDE LÉVI-STRAUSS

ABSTRACT: The contributions of Claude Levi-Strauss to the humanities go beyond the area of ethnography and structural anthropology, science that the researcher himself helped found and establish. One of his most significant works, *Tristes tropiques* (1996), refers to the experiences of the young ethnologist, in the 30s, when he joins the group of French teachers who come to São Paulo to work on the deployment of

Philosophy, Letters and Human Sciences of newborn USP. The work is far from being a static model of science is distinguished by its multidisciplinary character that leads the reader to reflect and "travel", beyond merely descriptive questions. In the book the language presents several levels of meaning, polysemic, far from the works of predominantly informative character. The book has sections that border the lyricism, others that resemble literary essays, *Tristes tropiques* seems to dialogue closely with the literary genres. The objective of this work is to recover some extracts and to analyze them in the light of literature. We do not intend to classify the work within the limits of a genre, but rather explore its multidisciplinary character, because it is a proposition that configures in a movement of approximation and confrontation with its own genre travelogue, creating new possibilities of reading, subject to analysis by means of language studies, especially by literary studies.

KEYWORDS: *Tristes tropiques*, Levi-Strauss, Literature.

O que torna uma obra literária há muito tempo é objeto de discussão de inúmeros pensadores e críticos de literatura. O valor da obra literária em si, desde a Antiguidade Clássica, costumava relacionar-se com a sua maior ou menor obediência a regras de arte poética, de estilo e de gêneros. Porém com o passar dos séculos essas regras foram modificadas, deixando inclusive de serem "regras". Esse comentário inicial tem o objetivo de indicar o quanto essa matéria é complexa e está ligada a concepções e ideologias de cada época.

Pode-se dizer que os produtores e receptores, em interação, é que determinam os valores e se um texto é considerado literário ou não. No século XX vislumbra-se sucessão de pensamentos que influenciaram, em maior ou menor grau, tanto teóricos como escritores contemporâneos. Os vários estudos de linguagem desenvolvidos nas primeiras décadas do século XX suscitaram uma atenção maior ao próprio texto, visto como uma obra fechada em si mesma, portanto concluída. O foco dos estudos em teoria literária voltou-se para o texto e menos para o autor. Jakobson, pioneiro das análises estruturais, trabalha com as funções da linguagem e determina a poeticidade de um texto pelo predomínio neste da função poética da linguagem. Havia um esforço para evitar análises impressionistas, de cunho subjetivo, baseadas em elementos extratextuais, como ideologia ou dados biográficos, por exemplo.

Pensando no fenômeno literário para além do produtor, chegando então ao receptor como foco das análises literárias, os estudos de Tynianov, seguidos por Bakhtin e seu Círculo, e posteriormente por expoentes da teoria da recepção, inovam o sistema de estabelecimento literário. Com essas teorias, a recepção, ou seja, o leitor, e toda sua carga ideológica e seu repertório, também é responsável por determinar o caráter de uma obra.

Não temos como pretensão uma discussão mais apurada desses conceitos de produtor, produto e receptor; basta, para a nossa análise, apenas atentar para essa mudança de perspectiva na determinação do caráter literário de uma obra.

Isso posto, voltamo-nos para a obra *Tristes trópicos* de Claude Lévi-Strauss. Trata-se de uma obra conhecida como relato de viagem, escrita por um antropólogo a respeito de sua viagem ao Brasil e seu contato com os índios. Desde uma primeira leitura, é possível identificar no texto uma série de gêneros ligados à literatura, como autobiografia, crônica e mesmo a narrativa de viagem, todo esse conteúdo, no entanto, não se apresenta ao leitor de maneira ordenada, ou separada. A escrita de Lévi-Strauss mostra-se como uma espécie de caleidoscópio, ora se aproximando de um livro antropológico, ora aproximando-se dos relatos de viagem, ora beirando ao lirismo poético. Sua linguagem cria no conjunto da obra um efeito estético independente de outros propósitos presentes em sua composição.

Mais do que discutir se *Tristes trópicos* é ou não literário, é possível perceber que ela, tanto pelos recursos expressivos quanto pelo contexto e pelo modo como nela é lida, *funciona* como literatura. Luiz Costa Lima, em seu ensaio “*A questão dos gêneros*” (1983), destaca:

Em vez de a análise sociológica dos gêneros terem de se contrapor a uma teoria imanentista do poético ou de ajustar-se a ela, pode-se beneficiar da reflexão que, em vez de partir da linguagem em busca da identidade do literário, enfatiza a ideia de situação na qual certo discurso funciona, e é reconhecido, como literário. (LIMA, 1983, p. 266).

Tomando como nosso ponto de partida essa perspectiva sobre o literário em tempos contemporâneos, analisaremos alguns trechos do livro de Lévi-Strauss.

Primeiramente é importante lembrar que a aproximação do literário com os relatos de viagem não é incomum, mas sim observável a partir do século XIX. A diferença é que nos relatos dos escritores do século XIX empreendiam a viagem como etapas de seu projeto de escrita juntavam-se a uma estrutura pré-concebida de narrativa os dados da viagem, ou seja, o caráter literário já era esperado. No século XX, passa-se a observar uma aproximação dos relatos à Etnografia.

O que nos chama atenção para essa obra é justamente a recepção perante um público muito maior que aquele interessado em estudar ciência, ou antropologia. Não se trata apenas de um livro descritivo sobre os costumes dos índios brasileiros, aliás, os índios ocupam apenas uma parte de toda a obra, que traz também relatos de outras viagens feitas por ele, antes de estar no Brasil. É preciso destacar que se trata de um livro feito por encomenda, ou seja, as histórias não foram escritas no ato da viagem, e sim alguns anos depois. O próprio Lévi-Strauss admite que tinha pretensões em escrever um romance, que curiosamente se chamaria *Tristes trópicos*:

Devia chamar-se *Tristes trópicos*. E era vagamente conradiana. A intriga originava-se de uma história que eu tinha lido na imprensa: uma vigarice, numa ilha do Pacífico de que não me lembro, cometida com um fonógrafo, para fazer com que os indígenas acreditassem que seus deuses voltavam a Terra. (ERIBON, 1990, p.82)

Diante de um texto híbrido é interessante investigar as intenções do autor. Como comenta Vagner Golçalves da Silva:

O interesse de Lévi-Strauss pela literatura confunde-se com o desejo que acalentou durante muito tempo, de ser escritor. Entretanto, [...] o romance que iniciou nos anos 50 não passou das páginas iniciais. Dessa incursão pela ficção literária, como disse o próprio Lévi-Strauss, haveria de restar dois resíduos: o título original do romance nunca escrito, *Tristes trópicos*, que acabou por nomear seu livro de memórias de viagem pelo Brasil, e uma descrição da paisagem dos trópicos que, sendo formulada inicialmente para compor o romance, permaneceu como um capítulo, incluído nessas memórias com o título “O pôr do sol”. (SILVA, 1999, p. 79)

Os “resíduos” mais evidentes são, sem dúvida, o título e o capítulo mencionado por Silva. *Tristes trópicos* é um título que pouco informa sobre o conteúdo do texto e que pode confundir um leitor desaviado. Parece tratar de uma história que tem os trópicos como seu assunto principal, ou seja, a região da Terra limitada pelo Trópico de Câncer e pelo Trópico de Capricórnio, cujo centro é a linha do Equador. No entanto, como já havíamos mencionado, o livro traz não apenas os relatos da vinda ao Brasil, mas outras viagens feitas por Lévi-Strauss, seus pensamentos, impressões, além de questionamentos sobre o próprio ato de viajar e sobre o próprio fazer etnográfico. A aliteração construída no título (que é ainda mais evidente no original, mas se conserva na tradução) também reforça a ideia de um título de romance, ou seja, um texto no qual o trabalho com a linguagem é pensado para causar efeito. O uso do adjetivo “triste” também causa curiosidade: os trópicos sempre foram vistos, pelo senso comum como um lugar alegre, estando muito ligada a ideia de paraíso, Novo Mundo, de sol intenso. Um título, portanto, que trabalha com aliteração e com

ideias opostas, está ligado diretamente ao trabalho com a linguagem, causando um efeito relacionado com o que chamamos de literário.

O capítulo “O pôr do sol” está na segunda parte do livro e é um capítulo no qual o trabalho com a linguagem atinge um nível mais explícito do que estamos chamando “literário”. Encontrar uma linguagem que expressasse exatamente o que o pôr do sol visto do navio significou para Lévi-Strauss parece ser uma questão muito importante para o autor que a relata da seguinte maneira:

Se encontrasse uma linguagem para fixar essas aparências a um só tempo instáveis e **rebeldes a qualquer esforço de descrição**, se me fosse dado comunicar a outros as fases e articulações de um acontecimento no entanto único e que jamais se reproduziria nos mesmos termos, então, percia-me, eu teria de uma só vez atingido os arcanos de minha profissão: não haveria experiência estranha ou peculiar que a pesquisa etnográfica me expusesse e cujo sentido e alcance eu não pudesse um dia fazer com que todos captassem. (STRAUSS, 1996, p. 66, grifo nosso)

A busca por uma linguagem que fosse fiel às aparências instáveis já que a simples descrição não era suficiente para o autor, o faz escolher para relatar esse evento uma linguagem literária, pois o autor reconhece que naquela época “o espírito etnográfico ainda me era tão alheio que eu não pensava em aproveitar essas ocasiões” (STRAUSS, 1996, p. 66). Então, em um “estado de graça” começa uma longa descrição feita através da linguagem literária:

Para os cientistas, a aurora e o crepúsculo são um só fenômeno e os gregos pensavam o mesmo, já que designavam com uma palavra diversamente qualificada caso se tratasse da tarde ou da manhã. Essa confusão exprime bem a preocupação predominante com as especulações teóricas em uma singular negligência no aspecto concreto das coisas [...] Porém, na realidade nada é mais diferente que do que a tarde e a manhã [...] Quanto ao pôr do sol, é uma outra coisa: trata-se de uma apresentação completa, com um início, um meio e um fim. E esse espetáculo oferece uma espécie de imagem reduzida dos combates, das vitórias e das derrotas que se sucederam durante doze horas de modo palpável, mas também mais lento. A aurora é apenas o início do dia; o crepúsculo é sua repetição. (STRAUSS, 1996, p. 67)

Essa descrição feita em uma de linguagem poética segue por várias páginas, carregada de adjetivos e impressões do autor. Diferentemente do restante do livro, esse trecho está escrito em itálico, justamente para destacar essa pretensão. O trecho que nitidamente parece ter saído de um romance e não de um livro de etnografia, já começa colocando em xeque uma questão, ou um tema, que perpassa todo *Tristes trópicos*, o fazer científico. Nesse parágrafo é possível notar que o lugar de

enunciação de Lévi-Strauss não é o de pesquisador e cientista, uma vez que se mostra contrário à ideia de que “para os cientistas, a aurora e o crepúsculo são um só fenômeno”, poderíamos dizer que nesse trecho existe um narrador, que questiona o fazer científico que tem uma “preocupação predominante com as especulações teóricas”, um narrador que enxerga no crepúsculo do dia uma grande metáfora da vida.

Esse trecho, apesar de encontrar-se dentro de um livro escrito por um etnógrafo assume explicitamente que tem um caráter literário, ou seja, tem a pretensão de ser uma matéria diferente dentro do *corpus* da obra, uma vez que foi impressa em fonte diferente, usa uma linguagem poética e o próprio autor diz se tratar apenas de um “jogo que me fascina, e volta e meia me flagro arriscando-me a isso.” (STRAUSS, 1996, p. 66).

“O pôr do sol” assume de maneira condensada a carga literária que parece existir em toda a obra, no entanto, existem trechos em *Tristes trópicos* que não são explicitamente literários, mas como já havíamos citado, *funcionam* como literatura. São particularmente notáveis as incursões à ficcionalidade dentro do relato. Há trechos narrativos com elementos como trama, progressão e suspense; há trechos próximos à crônica, com a presença da ironia, do humor, narrando-se episódios singulares. Além disso, independente do caso narrado, há, por toda a obra, parágrafos, por vezes trechos inteiros, de intensa carga poética, de trabalho deliberado com a linguagem, em busca de um efeito estético próprio ao texto literário. Para isso, o autor recorre a imagens, associações inusitadas, metáforas, assonância.

A linguagem é um dos temas que também estão presente nessa obra, chama atenção certo conteúdo metalinguístico, numa das mais importantes partes do livro, a primeira, composta de quatro capítulos, o autor discute o gênero predominante em sua própria obra, o relato de viagem.

A primeira parte chama-se, “O fim das viagens”, curioso pensar que uma obra que se propõe a relatar uma viagem, tenha seu início chamado de “fim”. Após a leitura é possível perceber que toda essa parte irá trazer questionamentos sobre o próprio ato de viajar para conhecer outra civilização, outra sociedade e o papel do etnógrafo perante sua própria profissão. Num misto de constrangida adesão e enfático protesto ao gênero relato, Lévi-Strauss inicia seu livro dizendo: “Odeio a viagem e os exploradores. E eis que me preparo para contar minhas expedições.” (STRAUSS, 1996, p.15), tal frase pode ser um resumo do funcionamento do próprio livro: em uma leitura atenta é possível perceber a presença constante de uma ambiguidade, ou de ideias distintas que se manifestam em vários trechos do livro: ser viajante e mostrar os costumes do Novo Mundo à Europa x entrar em contato com os índios e “violentar”

seus costumes; querer o contato com “índios selvagens” x não conseguir se comunicar com eles; buscar um olhar etnográfico, científico x não conseguir se desvencilhar de seu olhar eurocêntrico.

Para negar sua aproximação com o tipo de relato que estava em voga na França naquele período, que visava muito mais a aventura da viagem, do que o resultado dela, Lévi-Strauss, faz uso da paródia e da crítica com sarcasmo:

Decerto, podem-se dedicar seis meses de viagem [...] à coleta (que levará alguns dias por vezes algumas horas) de um mito inédito [...], mas essa escória da memória: - ‘Às cinco e meia da manhã, entrávamos na bahia de Recife, enquanto pipiavam as gaivotas e uma flotinha de vendedores de frutas exóticas espremia-se ao longo do casco’ -, uma recordação tão pobre mereça que eu erga a pena para fixa-lo? (STRAUSS, 1996, p. 15-16).

E continua:

O que ouvimos nessas conferências e o que lemos nesses livros? O rol dos caixotes levados, as estripulias do cachorrinho de bordo, e, misturados as anedotas, fragmentos desbotados de informação, disponíveis há meio século em todos os manuais. (STRAUSS, 1996, p. 16).

No primeiro trecho o autor faz uso da paródia, como recurso para sua crítica ao tipo de literatura de viagem que estava sendo feita e apreciada na Europa, o tom de deboche é visível e fica bem claro que para Lévi Strauss as histórias de aventuras não passam de “escória da memória” e o floreio que os viajantes escritores colocavam em suas obras não passa de recordação pobre. Ainda nesse trecho o trabalho com a linguagem está exatamente no uso da paródia, a releitura em tom de deboche “Às cinco e meia da manhã, entrávamos na bahia de Recife, enquanto pipiavam as gaivotas e uma flotinha de vendedores de frutas exóticas espremia-se ao longo do casco” – Lévi-Strauss transcreve um possível trecho de uma dessas aventuras, para claramente mostrar sua “pobreza”, e termina o trecho com uma pergunta retórica, que reforça a sua necessidade de demonstrar o quanto a questão da linguagem que usa em seu relato é importante, o quanto é algo que causa dúvidas e desconforto ao autor.

No segundo trecho a crítica ao exotismo presente nas histórias de alguns viajantes continua, e é notável que o autor nega tal modo de escrita. Quando diz que todas essas “anedotas, fragmentos desbotados de informação” estão “disponíveis há meio século em todos os manuais”, Lévi-Strauss afasta a sua obra destas que cita e critica e conseqüentemente afasta a sua linguagem também.

A preocupação de afastar sua obra dos relatos de viagem modernos, mostra não apenas uma preocupação com a recepção de sua obra, mas uma preocupação com a

reflexão sobre os limites do próprio gênero, limites esses que *Tristes trópicos* ultrapassa.

Outro ponto que chama atenção é o primeiro capítulo, denominado “A partida” e por se tratar de um livro de memórias, espera-se que o autor descreva sua partida ao Novo Mundo, ou mais especificamente ao Brasil, tema dessa obra (?), porém o capítulo não trata disso. A ida aos trópicos não se inicia nem mesmo nessa primeira parte. Ele faz alusão ao sentido de viagem de um modo geral, lembrando que as viagens antigas, as verdadeiras viagens, já não existem. Funcionando assim a primeira parte como um grande prefácio e “A partida”, pode significar a partida do próprio autor rumo à profissão e missão que decidiu abraçar.

Ao tratar de sua viagem rumo à Nova York na época do exílio, e não citar a viagem aos trópicos, Lévi-Strauss antecipa assuntos que serão motivo de reflexão durante toda a obra, como o contato do pesquisador com as civilizações do Novo Mundo, a destruição e a violência que essas civilizações passam devido seu contato com o progresso.

A preocupação com a linguagem e com a forma como a narrativa se apresenta ao leitor, parece estar presente na forma como o autor aborda seu objeto de maneira não linear na primeira parte do livro. Esse recurso fica ainda mais evidente no terceiro capítulo, intitulado “Antilhas”. A história central desse capítulo é a chegada de Lévi Strauss à Martinica. Porém ao longo do capítulo o eixo principal da história, vai sendo intercalado por outras pequenas histórias, que vão reavivando na memória do autor.

É importante lembrar, que a passagem pela Martinica acontece quando Lévi-Strauss está indo rumo à Nova York, exilado como judeu e fugindo do nazismo. Sendo assim, a situação de precariedade e a fuga, o fazem rememorar outras histórias de intolerância, e acontecem à medida que o autor vai refletindo sobre o assunto. A reflexão traz a tona histórias que são encaixadas na história principal, e não são apenas aventuras exóticas, como as que ele já havia criticado.

Vale ressaltar que Lévi-Strauss tem consciência do processo de intercalação de narrativas, ou seja, tem consciência do seu modo de escrita, ele observa no final do capítulo:

É preciso parar. Cada uma dessas aventuras menores faz brotar outra em minha lembrança. Algumas como esta que se caba de ler, ligadas à guerra, mas outras que contei mais acima, anteriores. E poderia acrescentar-lhes ainda mais recentes, se recorresse à experiência das viagens asiáticas que datam destes últimos anos. (STRAUSS, 1996, p. 33).

A viagem para Lévi-Strauss, de acordo com sua reflexão durante toda obra, só é válida se virar fonte de conhecimento científico, ou reflexão sobre assuntos importantes a serem discutidos. Essa visão é colocada em prática nesse capítulo, no qual a intercalação de histórias dentro da história principal é a fonte de reflexão do autor.

O efeito produzido por uma narrativa não linear está longe de ser o modelo de um relato científico ou até mesmo de um texto informativo. Esse tipo de construção é comum, e costuma ter vários sentidos na esfera literária, no qual a polissemia é um dos recursos utilizados pelo autor.

Lévi-Strauss permanece atento aos modelos e as linguagens que dialogam com o literário, podemos citar várias passagens nas quais isso ocorre, como os inúmeros pensamentos que se intercalam com descrições, pequenos poemas ao longo de um capítulo, uma peça de teatro que é descrita integralmente no livro, o capítulo intitulado “Lição de escrita” no qual nitidamente Lévi-Strauss faz uma reflexão sobre o gênero e a escrita em si.

O capítulo que está na parte VII do livro, tem como tema principal a visita de Lévi-Strauss aos índios Nambiquara. Nesse capítulo além de relatar seu contato com os índios, Lévi-Strauss narra sua experiência com o chefe da tribo e seu primeiro “contato” com a escrita.

A viagem inicia com ares de aventura, segundo o autor:

A viagem, que era muito arriscada, aparece-me hoje como um episódio grotesco. Mal acabávamos de sair de Juruena, meu companheiro brasileiro observou a ausência das mulheres e das crianças: só os homens nos acompanhavam, armados de arco e flechas. **Na literatura de viagem, tais circunstâncias prenunciam um ataque iminente.** Assim íamos avançando em meio a sensações confusas, verificando vez ou outra a posição de nossos revólveres Smith and Wesson (nossos homens pronunciavam “Cemite Vechetone”) e de nossas carabinas. Temores infundados: pelo meio do dia, encontramos o resto do bando que o chefe previdente mandara partir na véspera, sabendo que nossos burros andariam mais depressa do que as mulheres carregadas com suas cestas e atrasadas por causa da criança. (STRAUSS, 1996, p. 314, grifo nosso)

O trecho mostra claramente que Lévi-Strauss faz uma comparação com a situação que estava se desenrolando e com a literatura de viagem, a presença única de homens, assim como na literatura, anteciparia um ataque dos índios. Acreditando que o desenrolar da ação seria uma possível batalha, e acreditando na sua intuição, baseada em relatos literários, Lévi-Strauss e os homens de seu bando “seguem em meio a sensações confusas”, ou seja, em alerta. Logo a expectativa é quebrada e a

resposta é algo simples e prático: as mulheres e as crianças haviam saído antes para não atrasar a expedição.

A narração dos fatos segue até o momento no qual “ocorre um incidente extraordinário que me obriga a voltar um pouco atrás” (STRAUSS, 1996, p. 315). Então Lévi-Strauss conta que realizou o mesmo experimento que já havia feito com os índios Cadiueu: como os Nambiquara não sabiam escrever, ele distribuiu folhas de papel e lápis, e percebeu que a maioria apenas tentou traçar linhas horizontais no papel, apenas “imitando” o que o etnógrafo fazia. Porém o chefe da tribo “enxergava mais longe”, segundo o autor, o chefe compreendeu a verdadeira função da escrita.

Para Lévi-Strauss o chefe Nambiquara inicia uma encenação, na qual finge que suas linhas rabiscadas possuem algum significado e finge ler para seus companheiros. O chefe segundo Lévi-Strauss, quer que seu pessoal acredite que ele participou na escolha das mercadorias que eles iam trocar.

Lévi-Strauss deduz que o chefe havia encenado uma dominação de escrita, pois conseguiu perceber o real papel dela, que para o autor é o seguinte:

A função primária da comunicação escrita foi facilitar a servidão. O emprego da escrita com fins desinteressados, visando extrair-lhe satisfações intelectuais e estéticas, é um resultado secundário, se é que não se resume, no mais das vezes, a um meio para reforçar, justificar ou dissimular o outro. (STRAUSS, 1996, p.319)

Para Lévi-Strauss a função da escrita está relacionada diretamente com a dominação do outro, e para refletir sobre sua opinião, cria um capítulo que mescla metalinguagem com descrição de fatos vividos por ele na aldeia indígena.

Os exemplos que escolhemos são os suficientes para começarmos a ter uma ideia da forma multifacetada dessa obra.

Para Clifford Geertz em seu ensaio sobre *Tristes trópicos*, publicado no volume *O antropólogo como autor* a obra de Lévi-Strauss é:

O clássico exemplo de livro cujo tema é em grande parte ele mesmo, e cuja intenção é mostrar aquilo que, caso se tratasse de uma novela, teríamos de chamar de sua ficcionalidade; se tratasse de uma pintura, sua composição de planos; de uma dança, seu traçado de figuras: a dizer, seu caráter de coisa fabricada. (GEERTZ, p. 38).

O caráter literário e metalinguístico da obra são os temas que chamam atenção de Geertz e que faz o crítico chamá-lo de um livro que fala sobre si mesmo.

Geertz parece reprovar essa presença do literário dentro de *Tristes trópicos*, para ele isso distancia do caráter etnográfico, científico; sendo assim, os elementos literários, para Geertz seriam pouco relevantes:

Em *Tristes trópicos* os artifícios aparecem postos em primeiro plano, assinalados e até floreados. Lévi-Strauss não quer que o leitor olhe através de seu texto, quer que mire nele. E uma vez o tendo feito, será muito difícil olhar através dele, ao menos com seu anterior descuido epistemológico. (GEERTZ, p. 38-39).

Os “artifícios” que parecem ser um problema para Geertz é o que torna a obra de Lévi-Strauss multidisciplinar, e sendo assim, é o que torna possível seu diálogo com a Literatura. A crítica de Geertz nos ajuda a perceber o quanto a questão de uma obra que transita por várias áreas, gera uma infinidade de visões sobre ela.

Em seu constante de aproximação e de negação ao gênero relato de viagem, em suas experiências o viajante, cronista, ensaísta e antropólogo Lévi-Strauss dialoga com o gênero que constrói sua obra e com outros tantos, tornando *Tristes trópicos* um livro que pode ser lido como um relato de viagem, como um livro com dados informativos sobre os povos dos trópicos, como científico em algumas partes e como literatura em outras, ou ainda, como tudo isso funcionando ao mesmo tempo.

REFERÊNCIAS

ERIBON, Didier; LÉVI-STRAUSS. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

GEERTZ, Clifford. El mundo en un texto. In: **El antropólogo como autor**. Barcelona: Paidós Estudio, 1989.

LIMA, Luiz Costa. A questão dos gêneros. In: **Teoria da literatura e suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, v. 1.

LOPES, Edward. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (Orgs.). **Dialogismo, polifonia e intertextualidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

SILVA, Vagner Gonçalves. O sentir das estruturas e as estruturas do sentir: poesia que lévistrouxe. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, v. 42, n. 1 e 2, 1999.

STRAUSS, Claude Lévi. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.